

A essência nômade da palavra *roseana: uma incursão pelo espaço* Página | 14 *literário de Ave, Palavra*

Elvira Livonete Costa²

Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-Goiás)

Resumo

Na obscuridade do espaço literário a palavra ressurge incorporada e consubstanciada de inúmeros sentidos e valores semeados no solo desértico de *Ave, Palavra*. Por meio dos movimentos de recuo da linguagem a opacidade da poesia roseana anula a representação de um significado primeiro, o verbo essencial já não se desvela como termo, porquanto se abre a uma intenção e transborda para outra realidade. Essa coletânea recria o mundo por meio de uma poesia sóbria, todavia essencial, decantada de uma linguagem vigorosa e enérgica que nunca se cansa de assombrar por sua natureza rebelde e inapreensível. *Ave, Palavra* comporta uma ação lírica articulada no espaço soberano da obra, um fenômeno que converte toda a superficialidade do mundo exterior em um dito incessante, inesgotável e avassalador. Pretendemos nesse trabalho, fundamentados nos estudos de Maurice Blanchot, estabelecer um diálogo acerca da transcendência abstraída da palavra essencial arraigada no solo poético de *Ave, Palavra*, tendo como escopo o poema *Nascimento*.

Palavras-chave

Guimarães Rosa. *Ave, Palavra*. Espaço Literário. Verbo Essencial. Maurice Blanchot.

² Mestrado em Letras - Literatura e Crítica Literária pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

Introdução

O jogo literário se articula em um território obscuro e movediço, controlado pela pressão de movimentos inesperados, gerados a partir da tensão propulsora dos fenômenos de criação poética. A natureza soberana de uma obra literária aliada aos meandros da palavra essencial se desdobra como elementos fundamentais a alinhar o traçado de uma narrativa. Repensar a escrita de João Guimarães Rosa requer flertar com as diversas possibilidades da língua. Sua ousadia estremece as estruturas linguísticas intencionando reprimir o amortecimento da palavra surrada pelo uso cotidiano e posteriormente recolher a expressividade que brota desta revitalização da linguagem. Os impulsos que elevam a ação criativa do autor mineiro decorrem da força que move a literatura. Rosa burla os códigos, ultrapassando as fronteiras estabelecidas pelas regras da razão para semear sua escrita no solo fértil do espaço literário. A intensidade e o vigor poético da escritura roseana abala os sentidos da experiência estética ao utilizar a palavra como álibi de suas inquietações, desenhando as nuances do pensamento com uma escrita desmedida que se esparrama na alma, coisas de poesia.

Buscar entender a natureza da linguagem significa deixá-la falar a partir do lugar dela mesma, tomando o cuidado para não sermos envolvidos pelo redemoinho poeiril que permeia esse caminho. Enquanto tentarmos caracterizar a linguagem a partir de nosso próprio olhar ou de nossa concepção acerca de seu ser, estaremos sempre caindo nos abismos que nos separam de sua essência, porquanto não dominamos a linguagem a ponto de apreendê-la de forma completa e absoluta. Partindo desse pensamento e fundamentados nas reflexões de Maurice Blanchot nos inclinamos para entender os acenos longínquos da linguagem para que estes nos apontem o caminho para o lugar de sua essência.

Esta pesquisa, de natureza teórica, será pautada nos diversos aspectos do modo de composição poética de Guimarães Rosa, abordando os procedimentos adotados pelo escritor em sua linguagem que resulta na pluralidade significativa de sua escritura. A escolha dos textos roseanos como objeto desse estudo se deve principalmente ao caráter multifacetado e abrangente de um fazer literário caracterizado pelo hermetismo, opacidade e profusão de sentidos que sua produção literária abarca, na qual ainda se encontram interstícios que necessitam serem permeados. Esse trabalho propõe uma investigação acerca da atividade criativa de João Guimarães Rosa a partir de uma ação interpretativa de alguns procedimentos que engendram o universo inexprimível de sua escrita poética. Para tanto, propomos a análise de alguns aspectos de sua narrativa ao compor o poema “Nascimento” (ROSA, 2001, p. 304),

presente em *Ave, Palavra* (ROSA, 2001), uma obra recheada de nuances poéticas e variadas formas textuais. Priorizamos a totalidade sem limite da palavra como elemento essencial e força propulsora da obscura linguagem empreendida pelo autor, conduzidos pelo constante devir que se estabelece por meio do embate entre o desconcertante estranhamento do texto e o prazer da leitura.

1 Do espaço literário roseano

A obra literária habita um espaço encoberto e sinuoso, um lugar impregnado de mistério. Enigmática e em completa solidão, a obra essencial percorre um horizonte distante, sempre resguardada em sua pureza e imponência. A inacessibilidade do espaço literário comporta uma solidão essencial fundada em um isolamento necessário, totalmente voltado à supremacia e ambivalência da palavra autêntica. A obra reivindica a entrega absoluta de quem escreve por meio de uma relação complexa, na qual jamais oferece garantias nem segurança ao autor, todavia exige um trabalho sem fim, árduo e inglório. A essência inacabada de uma obra literária evoca o domínio mesmo do espírito, porquanto abriga o privilégio de uma infinitude que se manifesta no poder de jamais ser finalizada totalmente. O silêncio absoluto e dissimulado da obra de arte suprime qualquer forma de estabelecê-la em meio a sua eminente ambiguidade, se restringindo a exprimir apenas que ‘é’. Essa profunda solidão de seu ser traga todo aquele que vive na sujeição e na intimidade de uma obra, ela se encerra em uma total ausência, ignorando o trabalho árduo, porém ilusório do escritor, e despojando-o de qualquer autoridade sobre sua escrita, porquanto este se encontra apenas na vizinhança da obra e usufrui apenas de uma insuficiente intimidade exterior a ela. Maurice Blanchot (1987) em *O Espaço Literário* discorre acerca dessa supremacia da obra em relação à singela participação do escritor no ato literário.

O domínio do escritor não está na mão que escreve, essa mão ‘doente’ que nunca solta o lápis, que não pode soltá-lo, pois o que segura, não o segura realmente, o que segura pertence à sombra e ela própria é uma sombra. O domínio é sempre obra da outra mão, daquela que não escreve, capaz de intervir no momento adequado, de apoderar-se do lápis e de o afastar. (BLANCHOT, 1987, p. 15)

Blanchot tece pertinentes questionamentos a respeito do processo de realização da obra literária. Na visão poética do crítico francês, a escrita literária não é fruto da intenção do autor, os resíduos de palavras depositadas no branco do papel pelo escritor são absorvidas e logo depois rejeitadas pela obra em decorrência da insuficiência de verdade e por suprimirem o ser das coisas representadas. O que o escritor tem a dizer demanda da futilidade vazia do

mundo real, não compreende a consistente realidade da obra e nem a seriedade do verdadeiro trabalho no mundo. O escritor é senhor de uma palavra passiva e sem peso, incapaz de exprimir mais que a transparência disforme e imediata das coisas. Isto posto ele se vê obrigado a se resignar à sua coadjuvância na escrita literária, e ficar à sombra conforme lhe é imposto pela exigência da obra, já que suas palavras se mostram apenas como a aparência decalcada do mundo.

A linguagem literária se pronuncia a partir de uma dimensão exterior à própria fala, uma região ambígua de onde ecoa o murmúrio incessante do verbo complexo. A literatura percorre um espaço circular tênue permeado pela pressão e o risco, visto que esta região abriga a possibilidade iminente de naufrágio daquele escritor que não consegue se esquivar aos movimentos voláteis decorrentes das trapaças ocultas e inerentes à obra. Escrever aqui é desviar a palavra do curso do mundo, soltando as amarras que amordaçam e impedem um dizer a partir dela mesma. É libertar a palavra da sombra do mundo, devolvendo a ela o repouso e a dignidade do silêncio essencial. Aqui a palavra já não fala, apenas ‘é’, sempre resguardada e consagrada à pura passividade do ser, ela anuncia um dizer infinito arraigado na verdade oculta do mundo. “Escrever é fazer-se eco do que não pode parar de falar”, recolhendo dessa fala seu próprio silenciar. A escrita verdadeira requer do autor a entrega de toda a autoridade do dizer à linguagem, que, entreabrindo-se, converte todo dito na profusão de múltiplas e fascinantes imagens que se condensam no vazio das palavras depositadas nas páginas de um livro. A esfera fechada de uma obra atrai e submete o escritor para fora de si mesmo, do mundo e da vida, tornando-o indefeso e impossibilitado de se pronunciar, haja vista que a supremacia da linguagem lhe impõe o silêncio fundamental para sussurrar a fala da experiência original.

Neste espaço insólito, já fora da segurança do mundo real, o autor despe-se de seu eu para pronunciar uma fala a partir do lugar da linguagem, sempre voltado para a impessoal enunciação de um ele. Em meio à rejeição e exigência da obra, o autor é afastado e submetido aos movimentos de origem da linguagem que o reduz a uma completa impotência, vertido na desagregação de seu ser. Nesse despojamento de si mesmo, o autor permanece sempre exterior ao espaço essencial da obra, ou seja, do centro potencializador da escrita literária, e para onde a linguagem sempre retorna. Nos fluxos desse processo metamorfoseante a linguagem sempre busca retornar para o centro da obra, uma *zona de atração* que impulsiona o escritor a prosseguir rumo à solidão essencial que emana da própria obra, e de onde só se liberta escrevendo. O artista vê na ação de escrever a chance de sua sobrevivência, escrever acaba se manifestando como seu tormento e sua salvação.

Blanchot (1987) contempla a escrita literária no que ela tem de dialógica, intransitiva e exterior ao discurso comunicativo, ação que demanda de um fundamental apagamento do autor, possibilitando alforriar a palavra da superficialidade e objetividade do mundo, por conseguinte remindo-a com uma natureza abstrata, condição fundamental para múltiplas enunciações. Na concepção blanchotiana, a obra de literatura evoca um tipo de violência da linguagem fundada em uma palavra fragmentada, suprimindo todo seu caráter representativo, uma palavra que se afasta da concretude do mundo para coexistir exclusivamente no espaço literário, no qual ela exprime a verdadeira essencialidade de seu ser.

A constituição fragmentada de *Ave, Palavra* (ROSA, 2001) comporta uma força centrífuga que atrai e absorve toda a escritura pela supremacia de sua escrita. Essa obra emite sua fala de um lugar inacessível, mas que sustenta e direciona o verdadeiro sentido de seu ser. Guimarães Rosa se expõe aos riscos e exigências de uma escrita permeada pela intensa pressão submetida pela obra, um embate solitário guiado pela atração fascinante em busca da liberdade, impulsionando-o a escrever sempre. O autor subtrai-se do mundo exterior e se entrega à intimidade de um silêncio imposto pela exigência da obra para anunciar sua fala poética a partir da impessoalidade essencial e pura da linguagem estabelecida pela obra literária. A escrita roseana se realiza em um espaço de privação do mundo, um lugar no qual a assustadora sensação de perda do domínio se reverte em experiência positiva de elevações violentas e repentinas, um deserto nômade cujas areias cegam e impelem incessantemente para fora, fazendo-se necessário ser guiado pela alteridade da obra, aquela que o exclui e o depõe de toda autoridade de escrita. A palavra roseana se dispersa no espaço exterior de *Ave, Palavra* (ROSA, 2001) por meio de uma luta desesperada, sempre arremessada a um universo de exílio, como uma *migração infinita*. Este embate inglório para o autor se consolida em uma contraditória experiência salvadora, visto que sua vagância errante pelo deserto exterior o conduz ao erro essencial de um espaço que encaminha e liberta. Escrevendo ele encontra a abertura para o mundo, sempre guiado pela luz da solidão que potencializa a escrita do poeta. Elegemos o texto “Nascimento” (ROSA, 2001, p. 304) para enfatizar e compreender a rede de relações obra e autor, que conduz aos movimentos circulares no interior de *Ave, Palavra*.

“Demora tanto, de Natal a Natal”... ---- queixa-se uma velhinha, das do asilo, durante a festividade. Ainda pior, nesse prazo entreamavam-se os meses do tempo-de-frio, que amedrontam, assim como o vir de calores em excesso. Muitos dos recolhidos não podiam esperar dezembro, partiam para além, davam a alma. Todos lá não passavam de tênues sobreviventes, penduradinhos por um nada, apagáveis a qualquer sopro. (ROSA, 2001, p. 304)

O trecho acima manifesta a escrita fatigante que encerra o intrincado espaço de criação poética em *Ave, Palavra*. O texto “Nascimento” (ROSA, 2001, p. 304) apresenta traços extremamente metafísicos acerca da velhice do homem, matizando a obscuridade perturbadora da existência. Apreender e traduzir a fluidez da vida demanda de uma palavra haurida de toda superficialidade efetivada no mundo real, uma palavra desprendida e livre do peso das coisas. “Nascimento” compreende uma escrita que jorra do âmago da obra de arte, que por sua vez destila uma palavra descaracterizada de toda materialidade e impregnada da completude de sentidos indizíveis do ser. Os movimentos poéticos que manam do seio da obra roseana e delineiam a escrita de *Ave, Palavra* (ROSA, 2001) autorizam um dizer autêntico sobre as verdades do mundo e do homem por intermédio de uma palavra permeada de sensações insólitas, dores, enigmas, razões e desrazões do viver. No referido texto as palavras são despojadas de toda materialidade aparente, ‘fragmentos’ de palavras são depositados como pequenos blocos dotados de presença ao longo do texto, e quando pronunciadas ressoam uma fala estranha e desconfortável, elas ecoam um dito intenso, desestruturado e anárquico originado na ação de desdizer. A inconsistência da palavra depositada no texto adquire um caráter insólito e estranho aos sentidos comuns, porquanto foi esvaziada da essência do mundo, por conseguinte, consubstanciada com os sentidos abstratos da obra e a impessoalidade da linguagem literária. “Nascimento” (ROSA, 2001, p. 304) apresenta uma palavra sem medida, uma tal que conjuga quase nenhum sentido, inventa mundos atravessados por imagens desconexas. O devir da palavra se faz poesia na escrita poética roseana em meio aos solavancos de movimentos inesperados e sempre coordenados pelas imposições da obra.

A palavra arraigada nesse lugar estremeado decanta da sensação de privação dos sentidos comuns, já que sua fala mana da subjetividade silenciosa e solitária da obra que recolhe todos os dizeres. A palavra roseana brota no solo arenoso de um território árido, cujas sementes exigem raízes profundas, um espaço nômade, visto que não é fixo mas se desloca pela pressão do livro e pelas circunstâncias de sua composição. [...] tornando sempre mais central, mais esquivo, mais incerto e mais imperioso. O espaço literário que engendra a escrita de Rosa se distancia da “terra prometida” referenciada por Blanchot (1987), e caminha incessantemente rumo ao deserto, lugar bem menos seguro e deveras voltado para miragens angustiantes onde nunca se está aqui, mas sempre longe daqui, perdido e sem sossego. *Ave, Palavra* (ROSA, 2001) abarca uma fala errante e extremamente complexa para a exegese literária, haja vista que a estrutura estética da obra compreende vários níveis de composição dos mais intrincados e laboriosos. O autor mineiro, conectando forma e conteúdo, intercala e

projeta um tipo de efeito caleidoscópico, mediante uma multirefração de categorias microscópicas em estruturas maiores (semas ou morfema em sintagmas), por conseguinte em estruturas macroscópicas (frases ou parágrafos). O resultado dessa minuciosa elaboração se reflete em todo o texto garantindo efeitos magnetizantes.

A palavra anunciada pela escrita poética roseana em “Nascimento” é fundada no central, movediço e propulsor espaço incongruente da obra de arte, sua emancipada e autêntica palavra literária carrega a essência da exclusão do autor e de seu olhar acerca do mundo. A palavra cunhada no seio da obra de literatura não possui a incumbência de traduzir o mundo ou os sentidos imediatos da vida, ela é incompreensível e inacessível em toda sua virtualidade, uma vez que sua essência nada diz e nada revela. A escrita de Guimarães Rosa engendra o lugar de exílio de sua própria fala, manifesta a renúncia a seu mundo tranquilo e a segurança de sua terra natal. Isola-se do mundo, onde todo apoio e intimidade se furtam em meio às envergaduras de um lugar de incertezas. A exterioridade designada ao autor oferece apenas possibilidades pautadas em regras contraditórias e insustentáveis, sempre impostas pela intransigência da obra. A experiência estética que se manifesta na verticalidade de *Ave, Palavra* (ROSA, 2001) é voltada para possibilidade de ultrapassar a imediata e superficial realidade do mundo, porquanto a força da escritura roseana é permeada pelos não-limites de uma escrita que se introjeta nas coisas para fazer-se poesia.

O autor roseano emite sua fala do lado de fora da obra, espaço esse que evoca e convoca ao desaparecimento, remetendo a um estado de perda absoluto, arrebatador e fascinante. Segundo Blanchot (1987), esse é um espaço de experiência que esgota a vida em busca da arte, lugar de busca incessante e indeterminada em uma região de aniquilamento de si mesmo em detrimento da soberania da obra. O autor roseano faz sua experiência de morte se converter em trabalho, transformando o negativismo extremo em possibilidade, como medida absolutamente positiva, assim como a arte de “bem morrer” estabelecida por Kafka e descrita por Blanchot (1987) em *O Espaço Literário*, cujo pensamento remete ao tempo indefinido de morrer determinado pela arte. A disposição do autor roseano em se entregar à experiência feliz da morte advém do rompimento com o mundo real vinculada à necessidade urgente de escrever para viver. Esta espécie de contentamento com a morte decorre de um descontentamento maior com a vida, isto posto a obra de literatura se desvela como um espaço de esperança para o escritor, um lugar contraditório onde a morte contente é o salário da arte.

A escritura roseana percorre esse horizonte ambíguo da arte literária, no qual sua escrita se encerra na exigência circular da obra imbricada na ânsia de escrever para se afastar

da vida e na possibilidade de morrer. A estrutura dilacerada e disforme de *Ave, Palavra* (ROSA, 2001) revela um espaço sem garantias, incerto e inseguro no qual o autor não se coloca na ociosidade esquivando-se da morte iminente, dado que esta lhe é necessária, e ele sabe que somente ‘é’ a partir da morte. O autor subsiste em meio à angústia das condições e contradições do espaço centralizador da obra, ele é consciente de que vive para escrever, todavia só lhe é possível escrever se morrer. A escrita de *Ave, Palavra* é cunhada nesse espaço de entrega total e absoluta reivindicada pela supremacia da obra literária, por meio do risco essencial de um jogo conduzido por regras que só oferecem o poder de morrer como forma de tornar a obra possível. Nesse completo estado de privação, o artista se lança na experiência arriscada, porém soberana de “Igitur”³ para realizar sua tarefa poética, porquanto a arte se realiza no movimento para a morte, e não no além da morte. A escrita literária se estabelece mediante o caminhar em meio à solidão das trevas e à profundidade do desaparecimento no silêncio puro da meia noite. O deslizamento do ser convertido ao aniquilamento eterno desvela-se como a substância da ausência absoluto, Blanchot descreve tais movimentos da escrita literária como:

O vaivém das portas da sepultura aberta, o vaivém da consciência que entra e sai de si, que divide e se escapa errando na lonjura de si mesma com um roçar de asas noturnas, fantasma já confundido com os de mortes anteriores. (Apud BLANCHOT, 1987, pp. 111-112).

Esse movimento aberto para a morte evoca uma dimensão inacessível, exterior, uma espécie de céu poético. Na intimidade da noite, a morte pulsante torna-se consciência de vida no instante que a morte se deixa apanhar e identificar por aquele que a consentiu, sempre resguardado pela paciência essencial, obedecendo ao que lhe supera e leal ao que o exclui. Cumpre então respeitar a transcendência e a formação de sua morte, tarefa que escapa à própria capacidade, sendo fiel ao seu eu puro e à essência da morte na escrita poética, liberando assim o fluxo do puro movimento poético.

Era decerto uma feita misturada assembléia, onde brancos e escuros, o de dizível família e o rústico ou gentuço, o antes remediado e o que pobrezinho sempre, da miséria cristã. Igualavam-se, porém, em grelhas, cãs, murchidão, agruras, como se a velhice tivesse sua própria descor, um odor, uma semelhança: sagradas as feições pela fadiga e gasto, vida cumprida. Enfim palpitavam de insofrimento, querendo: as trêmulas mãos paralelas – no apanhar seu regalo – cada um com esperançazinha de que diferente e melhor que os outros, festejavam-se lhe os olhos. Os presentes de pequena valia, sabonetes, espelhos miúdos, qualquer tutaméia ou til, embrulhados em lenços grandes, dos que são usos de velhos, de que as velhinhas gostam. (ROSA, 2001, p. 306)

³ “Igitur”, conto inacabado e complexo de Stephane Mallarmé (1869-1970), cuja temática e estilística envolve a constituição do sujeito e seu elo intrínseco com a linguagem.

Os movimentos poéticos que norteiam a escrita roseana semeiam no seio de *Ave, Palavra* o estranhamento de uma verdade arraigada no âmbito inacessível do espaço literário. “Nascimento” (ROSA, 2001, p. 304) anuncia essa verdade restrita da obra acerca do mundo na condição de uma palavra turva, e em meio a sua opacidade emite apenas um chamado a dizer. O texto estabelece uma palavra que se desvia a um olhar que intente retê-la, contentar-se-ia em reconhecê-la em sua impossibilidade e transcendência. Ela se esquiva sempre a qualquer movimento de apreensão pelo pensamento ou interpretação, porquanto esta palavra é conduzida pelos movimentos de origem que retornam incessantemente ao centro da obra que a sustentam, e não à exterioridade superficial do mundo das ideias. Os sentidos dessa palavra não se acomodam nem se reconhecem no mundo, visto que este não lhe tem acesso. A complexa palavra lavrada nesta narrativa poética de Guimarães Rosa oculta incansavelmente sua face obscura, haja vista que esta habita a região mais secreta e essencial de uma obra de arte literária. Esta palavra enigmática escapa e se refugia sempre no “lado que não está voltado para nós”, e pelos movimentos poéticos somos constantemente afastados e desviados ainda mais pela limitação de nosso ser.

Habitamos a vizinhança do espaço poético que coordena os movimentos da palavra estabelecida na tessitura de Rosa, estamos destinados ao infortúnio do limbo do espaço literário, porquanto não nos libertamos de uma consciência livre dos limites objetivos da representação, permanecendo impregnados pela necessidade de segurança e estabilidade do mundo exterior. Por esses e outros motivos a inconsistência e transcendência da palavra vindoura inscrita em *Ave, Palavra* (ROSA, 2001) nos soa tão estranha e inacessível. Para percorrer esta região nebulosa, precisamos perder-nos na inconsciência cega e instintiva do espaço imaginário, interiorizando a pureza essencial da palavra transmutada e consubstanciada com uma fala original e elementar. O centro propulsor da obra que comanda os fluxos poéticos e alimenta a virtualidade da palavra de Rosa jorra de uma fonte emancipada do tempo e do espaço, esvaziando-a de todos os resíduos de representações existenciais do mundo. Blanchot explica que tal processo opera na palavra uma espécie de conversão no interior da obra, o crítico francês afirma ainda que:

(Trata-se tão só de uma consciência mais ampla, mais dilatada), mas isso quer também dizer: mais pura, mais, próxima da exigência que a fundamenta e faz dela não a má intimidade que nos encerra mas a força da superação em que a intimidade é a eclosão e o jorro do exterior. (BLANCHOT, 1987, p. 137)

Essa metamorfose promove a purificação da palavra de tudo que ela representa e produz, retirando-a da condição de transmissora da objetividade real do mundo e convertendo-a a significações mais elevadas. Na intimidade da obra todos os sentidos e significados voltam-se para o centro potencializador do espaço literário. Lá a palavra é ampliada e abandona seu valor de uso, garantindo-lhe capacidade de anunciar a profundidade da existência humana e a verdade do mundo. No espaço imaginário a palavra passa por uma espécie de ‘descoisificação’ ao se afastar da objetividade do mundo, por conseguinte o deslocamento para o centro da obra promove esta transmutação da palavra, tornando-a inapreensível, sem reserva e sem lugar, desabrigada, porquanto nada a retém, essa região interior nos despoja da palavra e de nós mesmos, para Maurice Blanchot “o espaço interior traduz as coisas do mundo, fazendo-as passar de uma linguagem para outra, traduzindo sua essência exterior para uma linguagem totalmente interior. Submeter a palavra à linguagem interior é percorrer a profundidade infinita de seu ser, permiti-la vibrar incansavelmente em um horizonte aberto a múltiplos dizeres.

A palavra cantada no espaço poético de *Ave, Palavra* (ROSA, 2001) compreende a intimidade e o peso do silêncio imposto pela obra, visto que é o lugar de retorno à origem dessa palavra sem descanso. No espaço órfico do poema roseano a palavra é celebrada e dilacerada ao mesmo tempo, onde a “celebração se lamenta e lamentação glorifica”. *Ave, Palavra* é esse círculo fechado citado por Blanchot, no qual o poeta não tem acesso, e só pode penetrar para desaparecer, dissolvendo lentamente a substância e a realidade da morte. A passagem infinita para o domínio da obra se desvela como o *Canto de Orfeu*, é o canto do desaparecimento do poeta, uma metamorfose da dispersão em meio à angústia que se faz canto na ânsia da plenitude poética. A morte do autor na prosa poética roseana remete a um estado de purificação da palavra, uma exclusão do eu interior e objetivo do poeta permeado por sua limitação, reiterando ao aberto a impessoalidade imprescindível do canto poético, um desaparecimento essencial que se faz dizer, se fazendo fala e canto.

A poesia que flui de “Nascimento” (ROSA, 2001, p. 304), e por sua vez permeia toda obra, imobiliza a intimidade das coisas para torná-las apreensíveis aos olhos, oferecendo a elas a profunda liberdade de seu ser no meio ambiente do aberto que é poema. A partir do movimento de transmutação para o invisível o autor roseano se debruça sobre a intimidade das coisas para mirá-las fixamente na ausência do mundo e de todo fundamento. O autor roseano se desintegra no espaço exterior de “Nascimento” para que prevaleça a verdade poética, cintilando num espaço livre do tempo, um êxtase temporal de pura ausência que faz tudo aparecer, celebrando a pureza do ser no momento em que tudo recai no nada. A escrita

roseana evoca a escuridão da noite profunda, vazia e silenciosa citada por Blanchot, chama ao aparecimento a essência de tudo que está oculto pelas sombras. Retira as coisas do sono profundo para elevá-las ao “céu poético” de Mallarmé, todavia sempre sujeito aos riscos e armadilhas da noite sombria, escuridão permeada pelo risco essencial imanente ao espaço literário. A sombra das palavras desabrigadas do mundo estabelece uma nova intimidade com o mundo, conduzidas pelos murmúrios de uma linguagem que se encerra na profundidade das coisas, donde irradia a fala original da palavra.

A escrita poética forjada no espaço literário de *Ave, Palavra* (ROSA, 2001) desperta o ser autônomo da palavra pura, faz soltar as ataduras que envolvem a linguagem, extraindo a parte morta que a aniquila. A potência da palavra do autor mineiro faz rolar a pedra da sepultura e chama para fora a essência da arte literária, e pelo poder soberano da palavra faz aparecer o milagre libertador que oculta a dissimulação da obra. A complexidade dos textos que constituem *Ave, Palavra* compõem um circuito fechado em si mesmo na envergadura de uma obra que não proporciona certeza para nós e nem clareza sobre ela mesma, visto que como toda obra de arte, aquela carrega a espantosa capacidade de subverter o mundo e seu domínio extensivo, desestruturando nosso ser e aniquilando nosso pensamento. O autor roseano percorre incansavelmente a região periférica da obra em que “as palavras tornam-se sua aparência e a profundidade elementar sobre a qual essa aparência se abre e, entretanto se fecha de novo”, sempre orientada pela complexidade mais profunda de sua natureza. O espaço literário que encerra a escrita roseana em *Ave, Palavra* (ROSA, 2001) é projetado no subterrâneo de um não-lugar em que nada se afirma pelo excesso de afirmação, uma região permeada pelo erro, na qual a obscuridade desta escritura extrai luz do escuro das palavras e o espírito se presentifica em estado de poesia.

Considerações finais

Em *Ave, Palavra* (ROSA, 2001) o autor se volta para a palavra como objeto de exaltação em toda sua magnitude, uma verdadeira louvação ao instrumento sagrado e fonte da criação poética. O título ambíguo, propositalmente escolhido, sugere uma saudação à excelência e supremacia da palavra, um exuberante e refinado jogo linguístico multiplicador de sentidos que permeia toda a obra, confundindo e encantando o leitor. Nessa coletânea Rosa, verdadeiramente, define a que veio, mostra que sua composição literária não se resume apenas na opulência de sua engenharia linguística, ele não se desvela somente como um

mágico das palavras, mas da emoção e sensibilidade. Sua fala recolhe e apreende a essência sublime da poesia por meio de um lirismo singular arraigado no mais profundo de seu ser.

A poesia que mana dessa escritura é cantada por meio de uma palavra que nunca cessa de vir, ecoando incessantemente no solo desértico de uma linguagem sem repouso. Verificamos que no espaço vazio e exterior da linguagem o discurso roseano é conduzido por movimentos vigorosos em que aquela faz tudo desaparecer para exprimir unicamente o ser que ela reúne em si mesma. Uma cerimônia sagrada de coroação da palavra que se presentifica incessantemente por meio desse eterno devir que se desvela no horizonte da linguagem. Por meio da experiência do exterior a linguagem roseana é emancipada e liberada para entoar sua fala original, recolhendo a essência pura de uma palavra que se dispersa apagando todas as fronteiras que outrora a limitava. A fala profética enunciada em *Ave, Palavra* (ROSA, 2001) é uma que retém a presença de todas as coisas, e ao mesmo tempo impele tudo para fora de si, ninguém faz parte dela, “mas todo o mundo lhe pertence, e não somente o mundo humano, mas todos os mundos, todas as coisas e coisa nenhuma: os outros.” (BLANCHOT, 1984, p. 362). A fala roseana proclama uma palavra complexa que carrega todos os ditos inacessíveis e inexprimíveis oriundos de um horizonte sempre para além daqui, e somente encontra seu lugar nas veredas infindáveis da linguagem.

Apesar da estrutura heterogênea, *Ave, Palavra* (ROSA, 2001) mantém uma incrível unidade de formas, imagens, linguagem e textos que se completam transcendendo ao sentido maior e intencional de Guimarães Rosa, a condição humana diante da vida dilacerada no contexto moderno. Expressar o inexprimível, esta é a obsessão que coordena os fluxos poéticos da alma estrangeira do poeta engendrada no solo acidentado da obra, no qual o lirismo arraigado em sua palavra interioriza e verte toda a incompreensibilidade da existência humana na mais pura poesia. Tarefa das mais difíceis, diga-se de passagem, uma vez que a subjetividade que impera acerca dos sentidos de ser da palavra essencial abarca uma linguagem transgressiva, intrincada e obscura, quase intraduzível. Todavia, o caráter atemporal e enérgico da palavra essencial e a engenhosidade e autonomia da escrita roseana encontram fundamento na virtualidade de uma palavra profética, tal fenômeno inicia-se na palavra e opera efeitos extraordinários no contexto da obra, criando uma profusão de sentidos que se ampliam no espaço literário de *Ave, Palavra* (ROSA, 2001).

Referências

BLANCHOT, Maurice. **O espaço literário**. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

_____. **A parte do fogo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

_____. **O Livro Por Vir**. Rio de Janeiro: Rocco, 1984.

_____. **Conversa infinita 2: a experiência limite**. São Paulo: Escuta, 2007.

CANDIDO, Antonio. **O estudo analítico do poema**. São Paulo: Humanitas, s/d, 2006.

FOUCAULT, M. Prefácio à Transgressão. In: M. FOUCAULT, **Ditos e Escritos III. Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema**. Rio de Janeiro Forense Universitária, 2001. p. 28-46.

_____. A Linguagem ao Infinito. In: M. FOUCAULT, **Ditos e Escritos III. Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema**. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2001. p. 47-59.

FRIEDRICH, H. **Estrutura da Lírica Moderna**: metade do século XIX a metade do século XX. Trad. Marisa M. Curioni (texto) e Dora F. da Silva (poesias). São Paulo: Duas Cidades, 1978.

RICOEUR, Paul. **A Metáfora Viva**. Trad. Dion Davi Macedo. São Paulo: Loyola, 2000.

ROSA, J. G. **Ave, Palavra**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

ROSENFELD, Anatol. **Texto e Contexto I: Reflexões sobre o romance Moderno**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1996.

THE NOMADIC ESSENCE OF THE WORD ROSEAN: AN INCURSION INTO THE LITERARY SPACE OF AVE, PALAVRA

Abstract

In the obscurity of literary space the word resurrects incorporated and consubstantiated of innumerable senses and values sown in the desert soil of *Ave, Palavra*. By means of the movements of retreat of the language the opacity of the roseana poetry annuls the representation of a first meaning, the essential verb no longer is unveiled as term, because it opens to an intention and it overflows to another reality. This collection recreates the world through a sober, yet essential poetry, decanted from a vigorous and energetic language that never tires of haunting by its rebellious and unapprehensible nature. *Ave, Palavra* contains a lyrical action articulated in the sovereign space of the work, a phenomenon that converts all the superficiality of the outer world into an incessant, inexhaustible and overwhelming saying. Based on the studies of Maurice Blanchot, we intend to establish a dialogue about the abstracted transcendence of the essential word rooted in the poetic ground of *Ave, Palavra*, having as its scope the poem *Nascimento*.

Keywords

Guimarães Rosa. *Ave, Palavra*. Literary Space. Essential Verb. Maurice Blanchot.

Recebido em: 08/01/2019
Aprovado em: 01/03/2019